

MERCADO DE PRODUTOS

1 - ARROZ

Durante dezembro o mercado de arroz foi calmo, vendedor, com muitas ofertas e poucos negócios. Os atacadistas e varejistas mantiveram o comportamento de operar com estoques mínimos, deixando aos produtores e as cooperativas a função de carregamento de estoques.

Ainda há cerca de 900.000 toneladas de arroz agulhinha "egefado", concentrado no Rio Grande do Sul, sendo que os preços de mercado não cobrem o custo de liquidação dos empréstimos. A maior parte desses empréstimos é da modalidade com opção de venda, mas o Governo, sem caixa para fazer as aquisições, deu liberdade aos bancos para a prorrogação de prazos. Praticamente, não há mais arroz amarelão "egefado", sendo que esse mercado está dependendo dos leilões dos estoques governamentais que vêm sendo feitos, uma vez que o preço de liberação de estoques supera o de mercado.

Para o próximo ano os preços de liberação de estoques passam a ser calculados com base na média do preço do fardo de 30 kg no mercado atacadista, acrescido de margens de 10% no caso do agulhinha e 15% no caso do sequeiro. A alteração da margem do sequeiro e a inclusão no cálculo da média de preços, de mais um ano em que ocorreram preços altos, causará elevações reais no PLE que chegam a 20% no caso do sequeiro.

Tal fato pode proporcionar certa tranqüilidade aos produtores que estão prevendo que os preços, já em queda real, devem se reduzir ainda mais com a entrada da safra nova, que se inicia em fevereiro. Há preocupação em relação à liberação de recursos para EGF na ocasião oportuna, pois ainda não está definido como aumentar os recursos destinados a essa finalidade no orçamento nacional para 1993.

No mercado paulista o preço médio do arroz em casca, em dezembro, foi Cr\$130.400,00, em termos reais 8% inferior ao verificado em novembro. Nos mercados atacadista e varejista também se verificaram quedas reais de preço de 5% a 9%.

Em relação aos preços praticados seis

meses atrás, as variações reais são mínimas, a não ser no caso do arroz em casca em que se observa elevação de 25%. Em relação aos preços praticados em dezembro de 91, os atuais apresentam perdas reais de 6% a 20%, dependendo do nível de mercado e tipo de produto. As menores perdas referem-se aos preços ao produtor (-6%) e as maiores aos do agulhinha tipo 2, no atacado e no varejo (-20%).

(Sonia Santana Martins)

2 - AMENDOIM

No mercado internacional, em dezembro, registrou-se um crescimento na produção de óleos vegetais abaixo do nível necessário para suprir a demanda, implicando em redução de estoques mundiais e conseqüente elevação de preços.

Especificamente no caso de óleo de amendoim, um crescimento na ordem de 2,0% no consumo mundial, verificado a partir de outubro, levou à redução de 7,8% dos estoques mundiais desse produto. O preço CIF Rotterdam do óleo de amendoim passou de US\$560,00/t para US\$625,00/t, segundo a Oil World, o que corresponde a um crescimento de 11,6% desde outubro.

A colheita na Índia está chegando ao fim e a do Senegal coincide com a safra das águas brasileira. Assim, apesar da redução de 8% na safra 1992/93 estadunidense que acaba de ser colhida, deve-se esperar pela comercialização dos EUA e Senegal, grandes exportadores mundiais, antes de se afirmar que a tendência do preço do óleo de amendoim se manterá em ascensão por muitos meses. Principalmente porque com o aumento do preço internacional dos óleos vegetais, inclusive o de amendoim, a demanda pode deslocar-se mais para os óleos de palma e de soja, cujas produções têm acompanhado as variações da demanda.

(Silene Maria de Freitas)

3 - CAFÉ

A exportação brasileira, em dezembro, foi de 1.624.819 sacas de café e fez com que em 1992 se atingisse um volume total de 18.804.919 de sacas exportadas, alcançando uma receita cambial de US\$1.097.283 mil. Em 1991, as exportações totais atingiram 21.140.273 de sacas e receita cambial de US\$1.575.841 mil.

Em dezembro, teve seqüência o processo de alta nas cotações, iniciado em outubro de 1992, tendo atingido até US\$80,00 por saca. Na média do estado, no entanto, os preços ficaram em torno de US\$67,00, valor abaixo dos custos de produção de maior parte das lavouras, estimado em mais de US\$80,00/sc.

Dois questões estão preocupando o setor. A primeira refere-se às dívidas contraídas pela cafeicultura, cujos vencimentos foram prorrogados por determinação do Conselho Monetário Nacional em fins de setembro de 1992. Apesar das condições vantajosas concedidas, receia-se que parte desses financiamentos não possa ser ressarcida aos bancos, porque muitas lavouras encontram-se depauperadas e os produtores não estão dispostos a obter novos empréstimos de custeio, o que deverá contribuir para que a produtividade permaneça baixa. A esse respeito, teve-se oportunidade de alertar no passado de que seria necessária uma linha especial de financiamento para a cafeicultura, bastante castigada desde 1989 com a suspensão das Cláusulas Econômicas do Acordo Internacional do Café (AIC) em julho daquele ano. Os sucessivos anos de preços baixos deixaram o setor descapitalizado e somente aqueles proprietários que conseguiram acumular reservas financeiras, através de outras atividades (agrícolas ou não), é que estão proporcionando um trato mais adequado às lavouras.

A segunda questão refere-se às discussões em curso no âmbito da Organização Internacional do Café sobre a reintrodução das Cláusulas Econômicas. As lideranças nacionais continuam divididas sobre o assunto e caso esse Acordo seja renovado, a repartição das quotas de exportação, internamente, deverá gerar conflitos entre os vários setores interessados. Além disso, deve-se pensar também em um mecanismo para regular a oferta interna do produto, posto que é bem provável que os preços básicos de referência sejam estabelecidos em níveis que poderão

estimular a produção acima da capacidade de absorção do mercado.

(Luiz Moricochi)

4 - FEIJÃO

O preço médio de feijão recebido pelo produtor em dezembro, Cr\$365.000,00/sc. de 60 kg, superou em 47,1% o preço mínimo de Cr\$248.157,60 vigente no mês, indicando que a comercialização continuou favorável ao produtor, apesar de no mês anterior o ágio, em relação ao preço mínimo de garantia, ter sido de 78,8%.

O reajuste dos preços de feijão previsto para a primeira quinzena de dezembro ocorreu em face da recomposição dos estoques dos supermercados e do maior volume de compras devido ao aumento da massa salarial. Entretanto, a retração nos preços pagos ao produtor na segunda quinzena foi mais suave do que a tradicionalmente observada no período, porque algumas regiões como Goiás e Bahia exerceram forte pressão de demanda por feijão novo só disponível na Região Sul. A colheita de feijão das águas do Estado de São Paulo, amplamente favorecida pelas condições climáticas, estará concluída em 10 de janeiro. Apenas em alguns municípios da DIRA de Sorocaba o excesso de chuvas causou incidência de antracnose, fazendo com que a produção esperada de 70 a 80 sc. de 60 kg por alqueire caísse para 40 sacas.

O plantio da safra de feijão da seca deverá ter início em 20 de janeiro e as primeiras expectativas são de nova queda da área cultivada motivada pelos elevados custos dos principais fatores de produção: adubo, semente, óleo diesel e manutenção de maquinária.

(Luiz Carlos Miranda)

5 - MANDIOCA

O mercado paulista de farinha de mandioca apresentou-se calmo em dezembro quando, embora em termos reais, o preço médio de Cr\$224.100,00/40 kg tenha sido 4% inferior ao

verificado em novembro, ainda assim acusou um aumento de 1%.

Nos últimos doze meses, os preços médios da raiz de mandioca, bem como os da farinha, apresentaram valorização real significativas nos três níveis de comercialização, produtor, atacado e varejo, respectivamente de 128%, 98% e 31%.

Essa situação decorre basicamente da menor oferta de raiz nas principais regiões produtoras em consequência de condições climáticas adversas. Segundo os dados de setembro da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção nacional de mandioca na safra 1992/93 é 5% inferior à verificada no ano precedente, mas 8% menor na Região Nordeste, principal produtora e consumidora, e - 7% nos Estados do Paraná e Santa Catarina que estão entre os principais exportadores de farinha para os maiores mercados do País. Além disso, avaliações mais recentes de diversos segmentos do mercado dão conta de que as perdas seriam maiores que as do citado levantamento do IBGE.

A safra deverá se iniciar em fevereiro, mas basicamente com mandioca velha, não arrancada na safra anterior, enquanto que o arranquio de produto novo se intensificará a partir de abril. A perspectiva é de arrefecimento dos preços, pois as estimativas preliminares para a colheita em 1993 indicam grande expansão da oferta de raiz em decorrência do aumento de área plantada em 1992. Contudo, ainda é provável que os comerciantes da Região Nordeste voltem a intensificar suas compras, agora menores em função dos leilões da CONAB na região.

Mesmo assim, os produtores paulistas estão preocupados com a defasagem entre os preços mínimos e os de mercado, pois esta deverá ser uma safra na qual o recurso aos Empréstimos do Governo Federal (EGFs) se intensificará. Os preços de mercado nessa segunda quinzena de janeiro estão variando entre Cr\$800.000,00 e Cr\$1.000.000,00 por tonelada de raiz, enquanto que o preço mínimo para o referido mês é de Cr\$313.820,00.

(José Roberto da Silva)

6 - MILHO

O segundo levantamento das Previsões e

Estimativas da Safra 1992/93 no Estado de São Paulo, realizado pelo IEA/CATI em novembro de 1992, aponta redução de 8,3% da área cultivada com milho. A maior retração deverá ocorrer na Divisão Regional Agrícola (DIRA) de Ribeirão Preto (-17,9% ou 43,8 mil hectares). De acordo com o levantamento, a área de plantio no Estado deverá se situar em 940,4 mil hectares. A produção prevista, de 2,9 milhões de toneladas, é 4,2% menor que a da safra anterior. Esse menor percentual da queda da produção relativamente à área decorre de uma previsão de aumento de 4,5% na produtividade que deverá se situar em 3.082 kg/ha.

As condições climáticas em São Paulo e na maior parte da Região Centro-Sul, que vinham favorecendo a cultura do milho até meados de dezembro, passaram a prejudicar o desenvolvimento das plantas (falta de chuvas e altas temperaturas), normalmente aquelas em fase de pendramento e enchimento de grãos, período mais crítico para a produção do cereal. Em decorrência, as previsões anteriores para a safra 1992/93, que se apresentaram otimistas em relação à produtividade, deverão ser revistas para menos, ainda dependendo do comportamento do clima em janeiro.

O abastecimento foi substancialmente reduzido em dezembro, o que é normal para o período de recesso das atividades agroindustriais e, mais especificamente, do consumo de milho. De acordo com a CONAB, a posição acumulada dos EGFs contratados até outubro de 1992 era a seguinte (em mil toneladas): total Brasil, 7.626; Paraná, 3.711; Goiás, 1.312; São Paulo, 608; Rio Grande do Sul, 586; e Santa Catarina, 485; outros estados, 924. As aquisições (AGFs) contratadas totalizaram 363,4 mil toneladas no Brasil, sendo 238,5 mil toneladas no Paraná (65,6%), 42,5 mil toneladas em Goiás, 27,2 mil toneladas em Mato Grosso e o restante nos demais estados.

Os preços prosseguiram em altas reais, situando-se a média, em nível de produtor paulista, em Cr\$100.400,00 por saca de 60 kg, 32,9% maior que a de novembro último. Em termos reais, o preço de dezembro de 1992 supera em 20,8% o de doze meses passados. O preço mínimo oficial e o preço de liberação de estoques (PLE) foram reajustados em dezembro para, respectivamente,

Cr\$62.818,20 e Cr\$87.655,00 por saca de 60 kg.

(Alfredo Tsunechiro)

7 - SOJA

O relatório de safras, divulgado em dezembro pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), apontou poucas alterações no panorama do complexo soja. Para o grão, verificou-se uma pequena reavaliação nos estoques finais americanos em 1992/93, que passam de 9,52 milhões de toneladas para 9,25 milhões de toneladas, em decorrência da expectativa de um aumento nas vendas externas dos EUA, fato que já vinha sendo previsto pelo mercado. Ainda assim, a estimativa de preço médio do ano pago ao produtor norte-americano foi revista, subindo de US\$5,20 para US\$5,40/bushel. Em relação ao óleo de soja, os estoques finais foram reduzidos em 158,55 mil toneladas, situando-se em 815,4 mil toneladas, dada a confirmação da tendência de diminuição no teor de óleo da nova safra dos EUA, abaixo das expectativas do mercado que previa redução de estoques de até 500 milhões de libras. Para o farelo, os números divulgados permaneceram sem alterações relativamente ao relatório de novembro, que apontava estoque final de 272,1 mil toneladas ao término da temporada 1992/93.

Apesar desses níveis de estoques serem considerados altos, há expectativas generalizadas de uma demanda em franca expansão em 1993, tanto para o farelo como para o óleo de soja, o que deverá dar sustentação ao mercado do grão. Isto porque as indicações são de um crescimento na produção de carnes nos Estados Unidos e na Europa, estimulando o consumo de farelos, em especial o de soja, e de quebras nas safras de colza, girassol e algodão, viabilizando também o escoamento do óleo de soja.

Entretanto, a oferta abundante do grão deverá continuar pressionando suas cotações e, em menor escala, dos derivados. A curto prazo, o panorama externo ainda pode ser considerado satisfatório, com as cotações em Chicago apontando, para maio, preços entre US\$5,70 e US\$5,80/bushel, quando o normal para essa época do ano é de cotações ao redor de US\$5,40/US\$5,50/bushel.

Para o médio e longo prazos, o fator determinante será a perpetuação de uma demanda

firme, o que ainda não se pode dar como fator líquido e certo.

Internamente, o plantio está encerrado e, de modo geral, o desenvolvimento das lavouras vem ocorrendo dentro da normalidade. Há apreensões com relação ao efeito da falta de chuvas em dezembro, no oeste do Estado de São Paulo, Norte do Paraná e parte do Rio Grande do Sul.

Em São Paulo, o preço médio recebido pelos produtores em dezembro atingiu Cr\$125.654,72/sc. de 60 kg, 5,2% inferior ao preço médio de novembro de 1992, em termos reais, e 14% inferior ao de seis meses atrás, também já descontada a inflação do período. Em relação, entretanto, ao preço médio de um ano atrás, a valorização real é de 10,5%.

(Marina Brasil Rocha)

8 - TOMATE ENVARADO

A estimativa de safra do IEA/CATI, realizada em novembro, mostrou aumentos de 2,2% na área cultivada (8.280 hectares) e de 17,5% na produção (427,5 mil toneladas) de tomate em 1992.

Em dezembro, o preço médio do produto no mercado atacadista de São Paulo foi em torno de Cr\$41.680,00/cx. que em termos reais foi 20,9% menor que o do mês anterior, enquanto que as quantidades entradas no Entrepasto Terminal do Jaguaré (CEAGESP) não devem ter sofrido grandes alterações.

Devido ao excesso de chuvas, a qualidade do produto foi inferior aos padrões desejados, apesar de proceder da DIRA de Sorocaba, região em início de safra, período em que os frutos apresentam melhores características.

Ao se considerar o custo de produção, estimado em torno de Cr\$42.000,00/cx., despesa com frete de Cr\$10.000,00/cx., comissão do atacadista, recolhimento do INSS e descarga do atacadista, pode-se concluir que a cultura não foi rentável aos tomaticultores.

Em janeiro, mantido o fator climático, o volume de entrada na CEAGESP não deverá sofrer variação. Entretanto, os preços poderão aumentar com a possível melhora da qualidade e transferência

do produto para o Estado do Rio de Janeiro.

(Lídia Hathue Ueno)

9 - AVICULTURA

- Frango

Os preços do frango praticados em dezembro foram superiores aos observados em novembro, nos três níveis de comercialização. Os fatores que influenciaram esta alta nos preços foram: recebimento do 13º salário e as festividades natalinas, quando geralmente aumenta a demanda pela carne de frango.

Em nível de produtor, os preços evoluíram por volta de 34% da primeira à quarta semana de dezembro, segundo dados do IEA. Apesar desse desempenho, os avicultores alegam dificuldades na recuperação das margens de lucro, devido às elevações nos preços dos insumos, principalmente do milho.

A produção de pintos de um dia, em dezembro, deverá atingir 170 milhões de cabeças, que se confirmado, será a terceira maior produção de 1992, fato estranho para essa época do ano, uma vez que os pintinhos de dezembro serão frangos em janeiro e fevereiro, quando, normalmente, o consumo cai em virtude das férias escolares.

- Ovos

Em dezembro houve aumento na demanda deste produto, como geralmente ocorre na época das festas de Natal e Ano Novo. Entretanto, esse desempenho não se traduziu nos níveis de produtor e varejo, em termos de preços médios reais, só ocorrendo uma melhoria em nível de atacado, devido à uma melhor organização de comercialização dos atacadistas.

O setor de ovos vem procurando acertar a produção à demanda e assim conseguir preços mínimos condizentes para a manutenção da atividade. Um dos meios empregados para esse fim vem sendo a redução do plantel que começou em maio e atingiu seu clímax em dezembro de 1992.

Os produtores de ovos também iniciaram campanha de *marketing* para aumento do consumo do

produto em novembro. Até o momento, os resultados parecem satisfatórios, mas há necessidade de um período maior de observação.

Para o próximo mês a expectativa é de alta.

(Albino Eugênio Ferreira Zirlis)

10 - BOVINOCULTURA DE CORTE

Dezembro de 1992, foi marcado por aquecimento nos preços do boi gordo acima do que era esperado, contrariando a tendência apresentada nos últimos dois meses. A mudança de Governo nesse período provocou reações no setor de pecuária, no sentido de reter animais no pasto, temendo alterações na política econômica. Nessa linha, os preços da arroba de carne bovina foram corrigidos em termos reais em 15,7% sobre novembro de 1992.

O comportamento do mercado produtor era de fim de entressafra, pois, desde a segunda quinzena de outubro, as pastagens apresentavam-se em condições razoáveis para a época, a comercialização de animais confinados chegava ao final e muitos pecuaristas já dispunham de animais em condições de abate.

Outro fator que contribuiu, em dezembro, para dar suporte às correções dos preços da carne bovina está associado à sazonalidade, em função das festas de fim de ano, que geralmente provoca o aumento no consumo de carnes.

A carne bovina, durante 1992, não teve o espaço que pretendia para impor correções nos preços, porque o setor avícola manteve, em boa parte do ano, recordes na produção de frangos de corte, disputando, via preços, maior faixa no consumo de proteínas animais. Prova disso é o preço da carne de frango que em 1992, principalmente no segundo semestre, custou de 40,0% a 50,0% a menos que o do acém, reduzindo-se essa diferença para 35% somente em novembro, quando a procura por carne de frango cresceu significativamente em relação à carne bovina, também em função das festas natalinas.

No atacado, houve ganho real em dezembro sobre novembro de 1992, sendo que os preços de traseiro e dianteiro apresentaram, respectivamente, 2,7% e 8,4% de correção real, enquanto que, no varejo, apesar das dificuldades no repasse dos preços

em nível de consumidor, o percentual foi de 5,6%.

Ao se comparar dezembro de 1992 com igual período de 1991, os resultados não foram favoráveis para o atacado e o varejo; as cotações do traseiro e dianteiro apresentaram decréscimo de 16,9% e 4,6%, respectivamente, enquanto no varejo houve queda de 11,3%.

Quanto a janeiro de 1993, resta saber se o comportamento do mercado em dezembro vai se repetir, pois a pecuária está em plena safra e as pressões para a comercialização dos animais prontos para abate podem influir bastante na decisão dos pecuaristas.

(Carlos Roberto Ferreira Bueno)